

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS: O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL

Roberta Negrão de Araújo *
Andreia Silva Moreira **
Paola Ladeira da Silva ***

Resumo: Os gêneros textuais constituem, hoje, o foco do ensino da Língua Portuguesa. Assim, o presente estudo intenciona apresentar a importância da Literatura Infantil no processo de ensino desta disciplina nos anos iniciais. Desse modo, a questão investigativa que norteou a pesquisa foi: Em que medida a Literatura Infantil contribui para o ensino da Língua Portuguesa nos anos iniciais? A pesquisa foi fundamentada em reflexões teóricas baseadas em autores que discutem a referida temática, além dos documentos curriculares oficiais. No âmbito da pesquisa de caráter exploratório, foi utilizado para coleta de dados um questionário. Na sequência, estes foram analisados considerando os pressupostos da abordagem qualitativa. A pesquisa está organizada em três seções. A primeira apresenta a relevância dos gêneros textuais para o ensino da Língua Portuguesa. A segunda aborda um breve panorama do surgimento da Literatura Infantil e a sua função enquanto estratégia de ensino. A terceira seção apresenta os dados coletados, bem como a análise da percepção das docentes dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola localizada em um bairro periférico de Cornélio Procópio. Evidenciou-se que as respondentes consideram a Literatura Infantil relevante na organização do ensino, todavia há dificuldades que precisam ser superadas.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Gêneros textuais. Literatura Infantil.

THE PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING IN THE INITIAL YEARS: THE ROLE OF THE CHILDREN'S LITERATURE

Abstract: The textual genres are, today, the focus of the Portuguese Language teaching. Thus, the present study intends to present the importance of process of teaching this discipline in the initial years. In this way, the investigative question that guided the research was: To what extent does Children's Literature contribute to the teaching of Portuguese language in the initial years? The research was based on theoretical reflections based on authors who discuss this subject, in addition to the curricular documents officials. In the scope of exploratory research, a data collection quiz. These were then analyzed taking into account the assumptions of the qualitative approach. The research is organized into three sections. The first presents the relevance of the textual genres for the teaching of the Portuguese Language. The second brief overview of the emergence of Children's Literature and its role as a teaching. The third section presents the collected data, as well as the analysis of the perception of teachers in the initial years of elementary education at a school located in a peripheral district of Cornélio Procópio. It was evidenced that respondents consider the Literature in the organization of education, however there are be overcome.

Keywords: Teaching Portuguese Language. Textual genres. Children's literature.

Introdução

Partindo do pressuposto que os gêneros textuais são objeto de estudo da Língua Portuguesa, esta pesquisa pretende apresentar a importância da Literatura

Infantil no processo de ensino desta disciplina nos anos iniciais. A proposta atual procura superar o ensino centrado apenas em questões gramaticais ou na utilização do texto como pretexto, mas intenciona que promova uma reflexão do uso da língua nas diversas práticas sociais.

Nesse sentido, considerando que a leitura e a escrita possibilitam ao indivíduo transformar-se, bem como transformar a sociedade em que vive, nosso estudo destina-se ao ensino da Língua Portuguesa, por meio da Literatura Infantil, explorando estratégias metodológicas utilizadas por professores dos anos iniciais.

Diante desse contexto, selecionamos o problema que norteia a presente pesquisa: Em que medida a Literatura Infantil contribui para o ensino da Língua Portuguesa nos anos iniciais?

Assim, temos como objetivo geral: Analisar a utilização da Literatura Infantil nos anos iniciais do ensino fundamental, na organização do ensino da Língua Portuguesa. Este, por sua vez, foi detalhado nos objetivos específicos: (1) destacar a importância dos gêneros textuais como objeto de ensino da Língua Portuguesa; (2) abordar a Literatura Infantil como gênero literário e estratégia de ensino (3) descrever a percepção dos professores em relação aos procedimentos utilizados diante da Literatura Infantil.

A presente pesquisa fundamenta-se teoricamente nas contribuições de autores como: Costa (2009); Gusso (2010); Kramer (2010) e Zilberman (1985), além dos documentos curriculares oficiais. Na sequência foi elaborado um questionário como instrumento de coleta de dados. O instrumento foi aplicado junto aos docentes de uma escola municipal que oferta os anos iniciais do ensino fundamental, localizada em um bairro periférico de Cornélio Procópio¹. Os dados foram analisados considerando a percepção das docentes envolvidas, com fundamento na abordagem qualitativa.

A primeira seção aborda a relevância dos gêneros textuais para o ensino de Língua Portuguesa. Busca-se superar o ensino descontextualizado, fragmentado, centrado apenas em questões gramaticais que pouco contribuem para a formação de um bom leitor. Para isso, ao invés de se trabalhar com frases isoladas ou recortes de texto, assume o texto como o objetivo de ensino. Nesse sentido, é fundamental que os gêneros textuais não sejam utilizados como pretexto, mas que façam parte do cotidiano escolar dos alunos.

A segunda seção apresenta o surgimento da Literatura Infantil e sua função enquanto estratégia de ensino, de modo que os textos literários devem assumir um papel formativo contribuindo para que além de inserir o aluno no mundo da oralidade, leitura e escrita, auxilie na sua formação crítica, para que este seja capaz de compreender o que está implícito, interprete as palavras ao invés de apenas repeti-las. Para isso, é necessário que o professor também tenha contato com as obras literárias e seja um bom leitor para incentivar seus alunos ao ato da leitura e, assim formar bons leitores.

Já a terceira seção apresenta os dados coletados por meio de um questionário aplicado junto aos professores do primeiro ao quinto ano de uma escola pública de Cornélio Procopio. Por meio dos dados buscamos investigar a organização do ensino de Língua Portuguesa, bem como pretendemos analisar de que forma os gêneros textuais são contemplados nas aulas e, ainda, como a Literatura Infantil é trabalhada por esses docentes.

O ensino da língua portuguesa e os gêneros textuais

Desde a década de 1980, como aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino da Língua Portuguesa tem sido alvo de discussão, no sentido de indagar melhorias para a qualidade social da educação no país. Os altos índices de fracasso escolar indicam a necessidade de reestruturar o ensino da Língua Portuguesa e superar essa fragmentação de conteúdos descontextualizados.

O ensino da Língua Portuguesa tem sido marcado por uma sequenciação de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e juntar frases para formar textos. (BRASIL, 1997, p. 28).

Essa forma de ensinar o conteúdo desconectado, simplificando os textos ou fazendo apenas recortes com o intuito de ofertar o contato com o gênero não promove a formação de um bom leitor e nem auxilia o aluno na produção e interpretação de texto. Ocorrendo o contrário, descaracteriza o ensino e limita a aprendizagem com materiais de baixa qualidade, ao invés de propiciar subsídios

necessários para uma boa formação do aluno que está iniciando seu processo de leitura e escrita.

Nessa perspectiva, o ensino da Língua Portuguesa ganha um novo direcionamento: ao invés de trabalhar com palavras ou frases isoladas, assume o texto como um todo. Com isso seu propósito assegura a efetiva aprendizagem da leitura e da escrita e, dessa forma, a adoção dos gêneros textuais adquire relevância.

É notória a importância que o aluno compreenda as estruturas gramaticais que compõem a nossa linguagem. No entanto, o ensino da Língua Portuguesa não deve reduzir-se apenas ao ensino da gramática, uma vez que esta não é a única fonte de aprendizagem, mas deve possibilitar a reflexão e condições para o uso da língua em suas práticas sociais, bem como conhecer as variedades linguísticas (POSSENTI, 2000).

Vale ressaltar que a criança já utiliza a linguagem oral antes mesmo de chegar à escola. Nesta instituição é onde vai apreender a linguagem escrita e, para que isso se efetive, é necessário expor a criança às situações de escrita e, assim desafiá-las sempre a escrever. É imprescindível, portanto, que haja a compreensão de que um texto cumpre sua função quando quem ouve/lê interpreta o que foi dito/lido (ARAÚJO, 2009).

Assim, a escola deve promover o contato com os diversos gêneros, em especial o literário, que é uma fonte de aprendizagem, desenvolvimento e humanização para a criança. Por meio dos livros infantis esta tem a oportunidade de expressar sentimentos, realizar descobertas, ampliar vocabulário, aprimorar a linguagem e tudo isso pode ser explorado em articulação com a leitura, a oralidade e a escrita, proporcionando o acesso à norma culta.

Cabe ao professor o papel de mediar situações de uso da língua, pois:

[...] a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1997, p. 22).

Aprender a língua não significa compreender apenas os códigos e signos, o domínio da língua possibilita uma reflexão crítica acerca da realidade, compreender

o mundo, ter acesso às distintas informações, produzir novos saberes, expressar opiniões, propiciando verdadeira participação na sociedade, uma vez que é por meio da língua que interagimos socialmente.

Os textos literários devem fazer parte do cotidiano da escola. Os alunos devem estar em constante contato com a leitura e para isso a escola deve dispor de bons livros que os instigue a essa prática. Já ao professor compete assumir o modelo de leitor para seus alunos, cabendo-lhe conhecer as obras para incentivar a leitura destas. Assim, a leitura não pode ser reduzida às atividades corriqueiras, como ler trechos do livro didático; deve fazer sentido para quem está lendo afim de que se torne capaz de compreender os distintos textos com os quais se depararem, visto que:

Tornar-se um leitor competente depende, assim, de um percurso longo que demanda o exercício frequente de leituras de gêneros de diferentes suportes, envolvendo a linguagem verbal e também a não verbal, com propósitos variados: ler para buscar informações, estudar, revisar texto, por lazer e fruição, seguir instruções. (GUSSO, 2010, p. 143).

Com isso, a finalidade da escola é de formar leitores que consigam interpretar um texto; compreender as entrelinhas; estabelecer relações com outras obras lidas, construindo intertextualidade. Essas habilidades são desenvolvidas por meio da constante prática da leitura que refletirá no ato da escrita, na produção de bons textos. A leitura, portanto, serve de referência na construção para saber o que e como escrever, caso contrário o aluno não conseguirá desenvolver ideias ou fundamentar pensamentos.

Diante disso, a leitura é fundamental para a compreensão do processo da escrita, como destaca Colomer (2007) “[...] os professores sentem-se seguros ao afirmar que ler livros com os meninos e as meninas ajuda a que se familiarizem com a língua escrita, facilita a aprendizagem leitora e propicia sua inclinação para a leitura autônoma”. (COLOMER, 2007, p. 33).

Logo, a mediação do professor entre a leitura e o leitor iniciante é fundamental para que o segundo entenda o vínculo que há entre leitura e escrita, haja vista que são habilidades indissociáveis. Por isso a importância da literatura e do incentivo do professor para desenvolver a prática da leitura não só nos momentos

das aulas, mas que os alunos tenham autonomia para realizarem fora do ambiente escolar.

Contudo, muitos aprendem a ler e escrever sem a capacidade de realizar ações sociais da leitura e escrita, como: ler revistas e jornais, preencher formulários e documentos. Para obter êxito ao estudar a língua é necessário ter o texto como instrumento de estudo, pois, de acordo com o Currículo Básico da Escola Pública do Paraná (CBEPP) (PARANÁ, 1989), o cerne do ensino vai se constituir no trabalho com o texto. À vista disso, é por intermédio dele que se consegue demonstrar sentimentos, traçar objetivos e obter conhecimentos.

Os gêneros textuais “[...] são famílias, grupos de texto que estão associadas entre si por ocorrerem em situações interativas semelhantes e apresentarem características recorrentes que os definem.” (GUSSO, 2010, p. 138). Dessa maneira, os gêneros possuem características comuns, mas com finalidades diferentes.

Estão muito presentes em nosso cotidiano, alguns mais formais e outros informais, e é por meio destes, que “[...] os usuários de uma língua realizam ações de linguagem tais como informar, persuadir, emocionar, advertir, orientar, ironizar, entre muitas outras” (GUSSO, 2010, p. 135). Dessa forma temos acesso a inúmeros gêneros textuais em nosso cotidiano, visto que desde muito cedo a criança possui domínio dos gêneros orais, uma vez que para interagir socialmente fazemos uso de diferentes gêneros. No entanto, a escolha de qual usar depende de sua finalidade para que intencionalmente a faça, caso contrário, poderá não ser apropriada a situação.

Nesse sentido, compete ao professor aproveitar os conhecimentos prévios da criança. E, ainda, relacionar este ao ensino sistematizado, de modo a propiciar distintas situações de uso da língua, auxiliando-a nesse processo de formação de leitor e escritor. Com isso possibilitará que seja capaz de compreender as diferentes funções que possuem os textos e faça uso da maneira mais adequada para cada situação, seja oral ou escrita, assegurando o uso eficaz da linguagem.

Além disso, os gêneros textuais constituem-se, hoje, como a questão central do ensino da Língua Portuguesa, já que oportunizam aos indivíduos participar de atividades que superam as normas gramaticais. Como destaca Possenti (2000), é necessário que a escola encontre um viés para lidar com o ensino da gramática, mas que não a coloque como central no ensino de Língua Portuguesa, uma vez que

é necessário promover ao aluno uma reflexão a respeito da estrutura organizacional da linguagem verbal, de modo que os assuntos sejam analisados e considerados de acordo com sua importância funcional.

Para tanto, é preciso que a leitura faça parte do dia a dia, de maneira que seja algo natural. A fim de tornar essa prática um hábito, deve-se trabalhar em sala de aula com diversos textos, das mais variadas formas e fazer uso da oralidade, leitura e escrita. Como consta no documento do Ensino Fundamental de nove anos:

Não restam dúvidas sobre o fato de que quanto mais gêneros – tanto na modalidade oral quanto na escrita da linguagem – uma pessoa dominar, maior será seu domínio linguístico, condição que ampliará suas possibilidades de participação social mais efetiva. (PARANÁ, 2010, p. 139).

Os gêneros textuais, portanto, precisam fazer parte das aulas. Essas devem ser conduzidas pelo texto, que possibilitará a apreensão de diversos conteúdos. Visto que ainda são muitos os professores que o utilizam apenas como um passatempo, fazendo uso apenas de atividades e exercícios de gramática para treinamento.

Segundo o CBEPP, “O texto é visto apenas como um pretexto ou como um bom modelo de formas acabadas e não enquanto um material que expressa um ponto de vista sobre o real, uma leitura possível sobre a realidade.” (PARANÁ, 1989, p. 47). Desse modo, cabe ao professor reconhecer que o texto é um meio de comunicação que permite ao aluno obter sua própria forma de dialogar com as pessoas, bem como expressar sua opinião.

Contudo, é relevante destacar a importância do professor ao escolher os textos e a forma de empregá-los. Para isso, interessa a formação deste, bem como sua competência quanto à língua, pois é ele o responsável pela mediação entre o aluno e o processo de escrita. Assim, não é suficiente que somente o professor compreenda o domínio do sistema gráfico, é necessário que ele propicie ao aluno compreendê-lo também (ARAUJO, 2009).

Nesse sentido, “[...] cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los.” (BRASIL, 1997, p. 26). Quanto mais acesso o aluno tem a diferentes gêneros, maior será a sua compreensão a respeito da finalidade que cada um exerce,

inclusive, no seu cotidiano fora da escola para interagir-se socialmente. Mas, além de oportunizar a compreensão social dos distintos textos, o professor deve desenvolver a capacidade interpretativa desses, a fim de garantir o uso efetivo da linguagem nas diferentes situações comunicativas.

Como já fora enfatizado, os gêneros textuais constituem o cerne do ensino da Língua Portuguesa nos anos iniciais. Destarte, tal perspectiva de ensino está voltada para superar tanto a ênfase na gramática e nos conteúdos fragmentados, como no fracasso escolar. Em vista disso, na próxima seção é apresentada a literatura infantil como estratégia de ensino, uma vez que esta deve estar sempre presente no cotidiano das crianças assumindo seu papel formativo e contribuindo para o processo de formação de leitores críticos e, conseqüentemente, escritores.

O uso da literatura infantil como estratégia de ensino

Durante muito tempo a criança foi tratada como um adulto de pequena estatura; suas vestimentas e os locais que frequentava, como também seu comportamento, não diferenciavam de seus pais, uma vez que não havia a concepção de infância. Dessa forma não possuía direitos e deveres, pois aos olhos da sociedade era igual ao adulto, estando apenas em fase de crescimento (ZILBERMAN, 1985). Assim, as necessidades, as especificidades e a formação característica dessa faixa etária não eram compreendidas naquela época.

A partir de meados da Idade Média, com a ascensão da burguesia, começou a ocorrer mudanças nesse cenário, sobretudo com o surgimento, ainda que sutilmente, da concepção de infância, com um olhar diferenciado para as necessidades da criança, diferenciando-se do adulto. Com isso apareceram os primeiros escritos para estas, como destaca Zilberman (1985) “[...] os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século 17 e durante o século 18”. (ZILBERMAN, 1985, p. 13). Antes disso não existiam livros destinados a elas, uma vez que não se pensava no termo criança, tampouco em infância.

Todavia, o surgimento da literatura infantil também se encontra relacionado à oralidade visto que,

Na verdade, o principal responsável pelo surgimento da literatura infantil é o próprio homem que, ao sentir necessidade de transmitir

ideias e acontecimentos, buscou na ficção uma maneira de transmitir a herança cultural, acumulada pela humanidade ao longo do tempo. Há, portanto, um forte elo entre literatura e a oralidade. (COSTA, 2009, p. 113).

Assim, a literatura infantil, inicialmente, encontrou-se relacionada à necessidade do homem de perpetuar seus conhecimentos, uma vez que apenas a oralidade não era suficiente tal. Considerando a grande possibilidade do esquecimento, os registros escritos passaram a ser uma forma eficiente de conservar e transmitir a cultura para as gerações posteriores.

Nesse sentido, a emergência da burguesia provocou uma solidificação entre infância e vida adulta, surgindo então a ideia de infância e, posteriormente, de Literatura Infantil voltada para atender essa nova classe da elite cultural que se encontrava em momento de preparação para a vida futura (ZILBERMAN, 1985).

Diante desse contexto surgiu uma vasta produção de obras infantis, destinadas a atender as especificidades da criança. No entanto, para além de contemplar sua formação escolar, as obras literárias oportunizam a fruição e o deleite, pois estimulam a imaginação. Por isso, tais textos não devem ser encarados como “[...] expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das desgastadas do ‘prazer do texto’”. (BRASIL, 1997, p. 30). Pelo contrário, os textos literários devem assumir um caráter formativo no processo de aprendizagem da criança, enriquecendo seu arcabouço literário.

Nessa perspectiva, é necessário que o aluno tenha constante contato com s textos do gênero literário, com o intuito de explorá-lo em sua totalidade, para que este faça sentido, auxiliando na sua formação crítica, uma vez que:

[...] não é atribuição do professor apenas ensinar a criança a ler corretamente: se está a seu alcance a concretização e expansão da alfabetização, isto é, o domínio dos códigos que permitem a mecânica leitura, é ainda tarefa sua o emergir do deciframento e compreensão do texto, através do estímulo á verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio á trama ficcional. (ZILBERMAN, 1985, p. 25).

Evidenciamos que o ensino da Língua Portuguesa, por meio da literatura, deve superar a apreensão da leitura no sentido apenas da decodificação de letras, empobrecendo o referido processo. A literatura propicia à criança compreender o

sentido do texto, oportunizando ler o que não está explícito. Esse é o papel da escola diante da formação de leitores.

No entanto, para que o professor seja capaz de desempenhar um trabalho enriquecedor e significativo em sala de aula é necessário que, antes de tudo, ele próprio seja leitor e tenha conhecimento de diferentes obras, pois “[...] quanto mais conhecemos, mais somos capazes de compreender, aumentamos cada vez mais as teias de entendimento e as possibilidades de interlocução. O conhecimento é sempre provisório”. (KRAMER *et al.*, 2010, p. 186- 187). Diante disso, evidenciamos que o conhecimento está em constante mudança, o que era considerado como verdade absoluta tempo atrás pode ser um equívoco atualmente. Por isso é preciso estar em permanente processo de aprendizagem, pois sempre há a possibilidade de ultrapassar os limites e estabelecer diferentes relações com a realidade que nos rodeia.

Entretanto, apesar da importância de ser um professor leitor e estar constantemente atualizado, nem todos desenvolvem esse hábito ao longo da carreira. Costa afirma:

Não se pode permanecer na justificativa de que, se nossas primeiras leituras foram deficientes e lacunares, nada mais pode recuperá-las ou corrigi-las. Felizmente, em nosso intercâmbio com os livros, sempre possível corrigir, retomar, complementar. Há, portanto, um caminho de livros, textos e leituras sempre aberto à atuação do professor. (COSTA, 2009, p. 37).

Portanto, se o hábito de ler não foi estimulado na fase escolar e, posteriormente, também não se efetivou no decorrer do seu processo de formação, o professor não pode persistir em justificar que não é um leitor. É essencial que essas dificuldades sejam superadas para que este desenvolva estratégias para tornar-se leitor e, assim, contribuir no processo de formação de novos leitores.

A literatura é, portanto, indispensável, e deve ser trabalhada cotidianamente, visto que:

A iniciação da criança nas habilidades de leitura abre-lhe portas ao conhecimento. A competência de leitura, adquirida nas trocas que, enquanto leitor, ela realiza, aperfeiçoa-se ao longo da vida e pode mantê-la conectada á toda produção do pensar, agir e criar, realizada pela humanidade e registrada em formato de textos escritos. A força

dessa aprendizagem constrói consciência e atitudes eficazes ao longo da vida. (COSTA, 2009, p. 23).

Com isso, a relação aluno-leitura é essencial, pois esta possibilita a ampliação do conhecimento. A literatura é capaz de reportar ao passado e a outros locais, possibilita viagens imaginárias, recheadas de sentimentos e emoções; capacita o leitor a realizar descobertas e vivenciar novos saberes. Desta forma contribui tanto para os aspectos intelectuais, como para o enriquecimento da língua e da cultura.

Os livros literários são instrumentos de apoio ao ensino, estimulam o exercício da mente e têm por objetivo aproximar as crianças de algo que elas, na sua maioria, já conhecem, auxiliando na formação de cidadãos reflexivos. Por isso, o educador não pode apenas utilizar os livros para ensinar a ler, mas oferecer possibilidades para que o aluno realize seu próprio aprendizado. Afirma Lajolo:

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p. 106).

É por meio da leitura que o aluno irá se inserir no mundo da cultura, estabelecer sentidos e relações, produzir novas visões, ideias, conseguir se posicionar diante das opiniões alheias, desenvolver o raciocínio e o pensamento reflexivo. Assim, a leitura caracteriza-se como uma prática social necessária para que o aluno possa expressar-se e compreender as expressões dos outros, possibilitando dessa forma o domínio das práticas cotidianas com as quais nos deparamos.

A maioria das crianças já chega à escola com uma linguagem de palavras desenvolvida, por intermédio de histórias contadas pelos pais, músicas, brinquedos e desenhos. Cabe ao professor aproveitar esse conhecimento prévio e investir também em leituras, pois escutá-las é o começo para formar leitores e estimular o interesse deles. De acordo com Barbosa (1999):

Para a criança, ouvir histórias estimula a criatividade e formas de expressão corporal. Sendo um momento de aprendizagem rica em estímulos sensoriais, intelectuais, dá-lhe segurança emocional. Ouvir histórias também ajuda a criança a entrar em contato com suas emoções, supre dúvidas e angústias internas. Através da narrativa a criança começa a entender o mundo ao seu redor e estabelecer relações com o outro, a socialização. Conseqüentemente, são mais criativas, saem-se melhor no aprendizado e serão adultos mais felizes. (BARBOSA, 1999, p. 22).

A finalidade da leitura literária é formar leitores críticos, que reconhecem uma boa história, que saibam a intenção que esta carrega e, caso contrário, consiga constatar o porquê não usufruiu daquele conto. Para tanto, faz-se necessário conversar com os alunos sobre o que foi lido, ouvir suas opiniões, deixar que expressem seus entendimentos. Somente assim, ouvindo o que o aluno tem a falar e, sanando suas dúvidas, que o professor estará contribuindo para a construção do seu conhecimento de forma reflexiva.

Todavia, ao deparar-se com alunos que se encontram no início da formação como leitores é preciso ter cautela na seleção de textos a serem trabalhados, pois:

Essa visão do que seja um texto adequado ao leitor iniciante transbordou os limites da escola e influi até na produção editorial: livros com uma ou duas frases por página e a preocupação de evitar as chamadas 'sílabas complexas'. A possibilidade de se divertir, de se emocionar, de fruir esteticamente num texto desse tipo é, no mínimo, remota. Por trás da boa intenção de promover a aproximação entre crianças e textos há um equívoco de origem: tenta-se aproximar os textos das crianças -simplificando-os – no lugar de aproximar as crianças dos textos de qualidade. (BRASIL, 2015, p. 29).

Não cabe ao professor julgar precocemente a capacidade do aluno e selecionar os textos com base no que ele espera da criança. Ele deve disponibilizar conteúdos adequados e, conforme a necessidade for surgindo, poderá adaptá-los da melhor maneira possível. Com isso contempla as necessidades dos alunos, sem desmerecer ou desqualificar sua capacidade.

Nesta seção abordamos o surgimento da Literatura Infantil e a sua relevância para a formação de leitores, enfatizando o papel desempenhado pelo professor para contribuir neste processo e estimular o aluno para desenvolver o hábito da leitura. A próxima apresenta a análise de dados coletados por meio de um questionário

aplicado junto a professores dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública do município selecionado. Tal questionário buscou verificar a percepção dos professores a respeito do trabalho com os gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa e como compreendem a importância da Literatura Infantil.

A utilização da literatura infantil na organização do ensino de LP: o que dizem os professores?

A pesquisa, de caráter exploratório, tem o propósito de analisar a percepção de professores a respeito da utilização da Literatura Infantil na organização das aulas de Língua Portuguesa. Para tanto, foi realizada coleta de dados por meio de um questionário. O instrumento foi organizado contendo sete perguntas.

O questionário foi aplicado em uma escola municipal que oferta os anos iniciais do ensino fundamental, localizada em um bairro periférico de Cornélio Procopio. No retorno, foram codificados pela letra P, seguida de um numeral, de uma a quatro, que foi a quantidade de instrumentos devolvidos, de 7 entregues. Os envolvidos foram docentes dos anos iniciais, todas formadas em Pedagogia e com especialização: P1: Educação Especial; P2: Educação Especial e Psicopedagogia; P3: Educação Especial Inclusiva; P4: Educação Especial Inclusiva. Quanto aos anos de atuação, P3 destacou que possui quinze anos de atuação nos anos iniciais e P4 cinco anos. P1 e P2 não responderam.

A escola lócus de pesquisa tem como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal e funciona em prédio desta. O nome é em homenagem a um médico que prestou serviços a população procopense. Surgiu por meio da Lei nº 3 de 15/09/76, já a Lei nº. 2.612 de 18/11/81 assegurou seu funcionamento.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) o objetivo da instituição é garantir a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, críticos e participativos para que possam refletir e defender seus ideais, mas por outro lado, saibam conviver e aceitar o erro. Dessa forma, almeja-se que os alunos sejam capazes de interagir com as mudanças impostas pela sociedade, saibam interpretar o mundo a sua volta, a fim de transformá-lo e acabar com a desigualdade social por meio de ações cooperativas e criativas.

A escola, no aspecto filosófico, de acordo com o PPP, defende uma visão integral de homem, de sociedade e de educação. Fundamentada no paradigma da Pedagogia Histórico-Crítica a instituição idealiza ser socialmente progressista. Reconhecendo a importância de uma educação integral, visa o cultivo de valores como honestidade, dignidade, solidariedade, justiça, disciplina, autonomia e liberdade, isto é a humanização do ensino (PARANÁ, 2014).

Nesse sentido, seu intuito é de preparar os alunos para enfrentarem os futuros desafios da vida, ensinando-as a refletir, a tomar decisões e agir por si mesmo. Assim, seu propósito principal é o desenvolvimento global da personalidade do aluno nos princípios: instrucionais, técnicos e axiológicos. O trabalho educativo é orientado por meio de uma reflexão crítica pedagógica, aspirando à organização interna do sistema de administração e gestão democrática participativa.

O espaço físico não é amplo. Todavia, há uma biblioteca com acervo bibliográfico para incentivar a leitura. Para esse fim, é desenvolvido o Projeto “Hora da leitura”. Uma vez por semana os alunos são levados à biblioteca para retirarem livros e desenvolvem atividades diferenciadas. Desse modo, a leitura informativa caracteriza-se como uma forma de os alunos lerem e simultaneamente manterem-se atualizados.

A instituição, segundo o PPP, adota uma perspectiva de avaliação que não se reduz apenas ao depósito de conhecimentos, mas que seja uma representatividade da aprendizagem. Em relação às datas comemorativas, o trabalho é realizado de forma diferenciada: palestras, confecção de cartazes, desenhos, elaboração de frases, dramatizações (PARANÁ, 2014).

Em relação à coleta de dados, a primeira questão intencionou investigar o nível de importância, na percepção das professoras, em relação ao trabalho com a Literatura Infantil nas aulas. A questão era de múltipla escolha: muito importante; pouco importante ou nada relevante. Em seguida deveriam justificar a resposta. Todas as participantes destacaram ser de muita relevância, mas apenas três justificaram sua afirmação. De acordo com P3:

[...] acredito na importância da literatura infantil em sala, pois faz com que o aluno use sua imaginação e ajuda a desenvolver sentimentos de forma prazerosa e significativa (P3).

P1 e P2 também destacaram o prazer como fator essencial para trabalhar a literatura, uma vez que, além de desenvolver a imaginação e dar suporte às aulas é uma forma prazerosa. Nesse sentido:

Sabemos que os prazeres da leitura são muitos ou múltiplos, pois lemos para saber, para compreender e para refletir. Lemos, ainda, pela beleza da linguagem, para a nossa emoção e até para a nossa perturbação. Ao lermos estamos compartilhando, sonhando e aprender a sonhar (COSTA; FERRERIA, 2006, p. 49).

Dessa forma, a literatura infantil além de contribuir para os aspectos intelectuais, produzindo novos conhecimentos e descobertas, pode ser aliada ao ensino de conceitos de uma forma prazerosa, já que ela instiga a imaginação, emoções e sentimentos. Assim, a leitura implica alguma mudança de visão no aluno seja por meio de suas narrativas lúdicas ou das inquietações que ela é capaz de provocar.

A segunda questão referia-se ao trabalho com gêneros textuais. Os envolvidos deveriam responder se os utilizam: constantemente; pouco utiliza; nunca utiliza. Todas destacaram que utilizam constantemente. P1 descreveu a utilização pelo fato de ser exigido como conteúdo padronizado e por trabalhar de maneira contextualizada. Para a P2 a cada gênero que é trabalhado utilizam-se livros referentes aquele tipo, dessa forma o aluno passa a ter contato antes e durante com vários textos semelhantes ao assunto que o professor irá trabalhar. Já a P3 destacou a importância dos gêneros textuais para auxiliar as crianças no processo de produção e interpretação. A P4 não respondeu essa questão.

Nessa perspectiva, podemos evidenciar, nas palavras da P1 e P2, que a utilização constante dos gêneros textuais está associada aos conteúdos a serem trabalhados, sobretudo, destacando a contextualização (P1). Em contrapartida, a P3 aponta a utilização no sentido de contribuir para os alunos nos aspectos produtivos e interpretativos. Visto que a produção e a interpretação são fundamentais para o ensino, já que Zilberman (1985) afirma, como já registramos, que cabe ao professor oportunizar que o aluno decifre o texto, compreendendo-o.

A função da escola é de permitir que o aluno supere a leitura automática, repetitiva que não proporciona subsídios necessários para uma boa produção textual ou mesmo a contextualização de conteúdos. Mas, que consiga compreender a

intencionalidade do texto, ultrapassando apenas a apreensão dos códigos e signos que caracterizam apenas o domínio da leitura e escrita, formando alunos que sabem ler e escrever, mas não são capazes de interpretar e produzir.

Na terceira questão as participantes responderam de acordo com a questão anterior. Indicaram quais gêneros são trabalhados em sala, conforme exposto no Quadro 1.

QUADRO 1 – Gêneros trabalhados pelas docentes.

Quadrinhas	P1
Parlendas	P1; P3
Receitas	P1; P2; P4
Textos informativos	P1
Textos narrativos	P1; P2
Poético	P2; P3; P4
Bilhete	P3
Convite	P3

Fonte: as autoras (2017).

Foi possível observar que todas as docentes relataram o trabalho com distintos gêneros, já que o aluno do decorrer de sua vida escolar deve ter o acesso a essa variedade:

Para que a escola atenda da melhor maneira possível as necessidades do cidadão em relação aos conhecimentos essenciais sobre sua língua materna, é indispensável que ela proporcione aos alunos o contato com diversos gêneros, priorizando aqueles mais necessários nas práticas sociais. (GUSSO, 2010, p. 138).

O intuito do professor deve ser que o aluno compreenda a utilidade de cada gênero e saiba qual escolher em determinada situação, dentro e fora da escola, para interagir socialmente, garantindo o uso efetivo da linguagem nas diferentes modalidades: oral, leitura ou escrita.

A quarta questão dizia respeito à frequência em que são utilizados livros de literatura infantil nas aulas: com muita frequência; com pouca frequência; dificilmente utilizo ou nunca utilizo. Apenas a P3 respondeu ser com “pouca frequência”. No entanto, a justificativa apresentou contradição, pois registrou:

[...] utilizo de recursos de leitura para ajudar a criança se expressar melhor, usar sua imaginação (P3).

P1 e P2 relataram que todos os dias faz a leitura de um livro, orientado pelo Pacto da Educação². Esses gêneros para a realização das leituras são pegos semanalmente pelas crianças na biblioteca. A P4 não respondeu.

De acordo com o relato da P1 e P2 identificamos que elas fazem a utilização frequente de gêneros textuais. Já a P3 apontou que faz a utilização com pouca frequência, no entanto justificou que utiliza recursos de leitura que auxiliem os alunos na expressão e imaginação. Assim, identificamos uma contradição, uma vez que “[...] a literatura infantil nada mais é do que uma fonte saudável de alimentação á imaginação infantil”. (COSTA, 2009, p. 117). Nesse sentido, a literatura infantil caracteriza-se como uma atividade fundamental para ampliar a imaginação do aluno e pode ser utilizada frequentemente para atender este fim.

A quinta questão referiu-se ao critério utilizado para a escolha dos livros a serem trabalhados. P1 e P2 destacaram como critério a faixa etária e os conteúdos que estão sendo trabalhados. Este último aspecto também foi destacado pela P4. Já a P3 afirmou que gosta de trabalhar com livros referentes à realidade dos alunos.

Diante disso, evidenciamos a importância de adequar o gênero a ser trabalhado de acordo com a idade da criança, contemplando suas características e necessidades, vinculando-o ao conteúdo para que não seja trabalhado apenas como “[...] expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das desgastadas do “prazer do texto” (BRASIL, 1997, p. 30)”. Mas de forma que realmente traga sentido ao aluno e sirva de auxílio para o professor contextualizá-lo com o tema a ser ensinado.

A sexta questão era destinada para o registro das atividades que as professoras desenvolvem utilizando a literatura infantil, como registramos no Quadro 2.

QUADRO 2 – Atividades que envolvem Literatura Infantil desenvolvidas pelas docentes

DOCENTE	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
P1	Leitura, interpretação oral, escrita, ilustrada, para auxiliar como pesquisa em alguma atividade.
P2	Recontar histórias lidas, interpretação de texto, produção,

	estudo do livro lido (nome do autor, ilustrador) resumo da história leitura oral.
P3	Gêneros, produção e releitura de textos.
P4	Dramatização e ilustrações.

Fonte: as autoras (2017).

Pudemos identificar que para P1, P2 e P3 foram indicadas a interpretação ou a produção como atividades que desempenham por meio da Literatura Infantil. Visto que estas se encontram associadas, pois “[...] a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referência e modelizadoras.” (BRASIL, 1997, p. 40). A leitura oferece subsídios necessários para fundamentar as ideias e como escrever.

A última pergunta abordou sobre a possibilidade de vincular o trabalho com livros de literatura infantil como estratégia de ensino da Língua Portuguesa. Todas as envolvidas responderam que sim, é possível. No entanto, apenas a P2 justificou, afirmando|:

Pois ele é um instrumento no qual o professor pode utilizar para trabalhar seus conteúdos. (P2)

Evidenciamos que a Literatura Infantil é fundamental na organização do ensino da Língua Portuguesa, uma vez que toda narrativa oferece suporte para o domínio das habilidades da oralidade, da leitura e da escrita. Além disso, constitui-se como auxílio para o ensino dos conteúdos a serem trabalhados, enriquecendo as aulas.

Considerações finais

O ensino de Língua Portuguesa é discutido há tempos, no sentido de atingir melhoria na qualidade social da educação. Porém, ainda evidenciamos um alto índice de fracasso escolar, por consequência da fragmentação de muitos conteúdos, bem como da exigência destes de forma descontextualizada. Diante desse contexto, torna-se necessário trabalhar o texto como um todo, sem segregar palavras ou frases, por isso os gêneros textuais são relevantes no processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Cabe à escola proporcionar o contato com os gêneros textuais, mais especificamente o literário, pois este é fonte de conhecimento, aprendizagem e desenvolvimento para os alunos. Para tanto, o professor deve ser leitor, para que incentive a leitura, uma vez que esta deve fazer sentido para quem a pratica. Ler, portanto, deve tornar-se um hábito, então é importante trabalhar com diversos textos, explorando a oralidade, a leitura e a escrita.

Dessa forma, ensino da Língua Portuguesa por meio da literatura deve superar a apreensão apenas da leitura e escrita, e propiciar a criança compreender o real sentido do texto, mesmo que não esteja explícito. Para que os alunos sejam bons leitores, o professor precisa disponibilizar bons textos, sem fazer um pré-julgamento da capacidade dos estudantes.

Nesse sentido, a literatura infantil assume função formadora, e não apenas pedagógica, extrapolando esta. Isto porque, por estar voltada à socialização da cultura de um povo, oportuniza a emancipação pessoal do leitor.

Considerando o fato que a literatura é indispensável e deve ser trabalhada cotidianamente, averiguamos – mediante os questionários – a percepção das professoras envolvidas a respeito da utilização da Literatura Infantil na organização das aulas de Língua Portuguesa. Constatamos que estas, ao trabalharem constantemente com Literatura Infantil, respeitando a faixa etária e a realidade dos alunos, aguçam suas imaginações, emoções e sentimentos. Assim, as aulas são prazerosas e, com estímulos ao contato com diversos textos, são desenvolvidos os processos de interpretação, produção e oralidade.

Notas

* Roberta Negrão de Araújo é Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina – UEL e Professora Adjunta A da Universidade Estadual do Norte do Paraná/Campus Cornélio Procópio. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação (GEPEDUC). E-mail: robertanegrao@uenp.edu.br

** Andreia Silva Moreira é Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. Possui experiência no Programa de Bolsas para a Iniciação a Docência (PIBID). Atualmente atua como docente na Educação Básica – Ensino Fundamental I. E-mail: andreiamoreira19@yahoo.com.br

*** Paola Ladeira da Silva é Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. Atua como Educadora Infantil na Prefeitura Municipal de Cornélio Procópio. E-mail: paolauenp@gmail.com

¹ Município localizado no norte do Estado do Paraná. A população atual é de cerca de 50 mil habitantes. Em sua rede pública municipal tem 15 escolas que ofertam os anos iniciais do ensino fundamental.

² O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, instituído pelo Governo Federal em parceria com o Ministério da Educação (MEC) tem o objetivo de alfabetizar todas as crianças brasileiras até os 8 anos de idade ao fim do 3º ano do Ensino Fundamental. BRASIL. Governo Federal. Ministério da Educação (Org). PNAIC: O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Disponível em: <https://pacto.mec.gov.br/index.php>. Acesso em: 01/11/2017.

Referências

ARAÚJO, Roberta Negrão de. **Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa: discussão inicial**. Material elaborado para a disciplina de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa. Cornélio Procópio: UENP, 2009.

BARBOSA, R.T.P. **A leitura em dois pontos: ler e contar histórias**. Releitura, n. 12, 22/ 03. Belo Horizonte, 1999.

BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Brasília: SEF, 1997.

BRASIL. Governo Federal. Ministério da Educação (Org). **PNAIC: O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: PNAIC, 2015. Disponível em: <<https://pacto.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A literatura na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSTA, Maria Edileuza da. FERRERIA, Maria Aparecida da Costa Gonçalves. O prazer da literatura: o uso do texto literário em sala de aula. **Rev. de Letras**. v.1, n. 28, p. 48-51. Jan/dez. 2006.

COSTA, Marta Morais da. **Literatura infanto-juvenil**. 2.ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

GUSSO, Angela Mari. Língua Portuguesa. In: PARANÁ/SEED. **Ensino Fundamental de Nove anos: Orientações Pedagógicas para os anos iniciais**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2010.

KRAMER, Sonia *et al.* **Infância e Educação Infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

PARANÁ/SEED. **Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná**. Curitiba: Secretaria do Estado da Educação, 1989.

PARANÁ. **Projeto Político Pedagógico** da instituição investigada. Cornélio Procópio: SEMED, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 4 ed. São Paulo: Global Ed, 1985.

Recebido em: maio de 2018.

Aprovado em: setembro de 2018.